

UM OLHAR SOBRE A EVASÃO ESCOLAR - DO CAPITAL CULTURAL À RELAÇÃO COM O SABER

Resumo

RESUMO O texto trata de um ensaio teórico que tem como preocupação a situação de fracasso escolar, representado pela evasão dos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade educação de jovens e adultos-PROEJA. Brevemente será apresentado o conceito de Habitus e de Capital Cultural, presentes na sociologia da reprodução, teorizada por Pierre Bourdieu, onde se aborda a limitação desses conceitos para compreender o fenômeno da evasão escolar no Programa. Em seguida, apresenta-se a teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot, como contraponto da sociologia da reprodução e como potencialidade de reflexão sobre o tema abordado.

Palavras-chave: Evasão; PROEJA; Capital Cultural; Charlot; Saber.

Alexandra Ferronato Beatrici

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul
alebeatrici@gmail.com

Franciele Silvestre Gallina

Universidade de Passo
fundofranciele_82@yahoo.com.br

Introdução

Muitos jovens e adultos evadem da escola para ingressarem no mundo do trabalho¹, tal situação leva o Brasil a desenvolver diversas estratégias com a finalidade de enfrentar, mesmo que de forma paliativa, os problemas que emergem do setor educacional. Segundo Oliveira (2009), políticas públicas educacionais que possibilitem a permanência dos jovens e adultos na escola é um entrave que ainda persiste². A complexidade do processo de evasão escolar constitui-se assim um problema na educação brasileira, pois os altos índices de evasão manifestam-se no início da educação básica estendendo-se para o ensino profissionalizante. Pesquisas realizadas sobre causas de evasão³ oferecem alguns indicadores relevantes para refletir sobre o tema e sobre os fatores sociais, institucionais e individuais que podem interferir na decisão dos estudantes de permanecerem ou de abandonarem a escola.

A reflexão neste ensaio dar-se-á através da situação de fracasso escolar, representada pela evasão⁴ dos sujeitos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade educação de jovens e adultos - PROEJA; instituído desde o ano de 2005, através do Decreto nº 5.478, substituído pelo Decreto nº 5.840/2006, nas instituições federais de ensino profissional. O programa é visto como uma conquista na história da educação de jovens e adultos, por trazer a formação profissional interligada com a educação básica e pela obrigatoriedade de oferta na rede federal de ensino. Entre seus objetivos está a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos

¹ O conceito de mundo do trabalho, aqui utilizado, tem na sua concepção a compreensão do trabalho como princípio educativo e isso implica em compreender as necessidades de formação de dirigentes e trabalhadores que caracterizam as formas de organização e gestão da vida social e produtiva em cada época. Significa reconhecer que os projetos pedagógicos expressam as necessidades educativas determinadas pelas formas de organizar a produção e a vida social.

² Na tentativa de dirimir os altos índices de evasão na rede pública de educação o governo federal pactuou com entes federados a implementação do Programa Bolsa Família - Lei nº 10.219/2001, como forma de tornar obrigatória a permanência da criança e do jovem na escola. Em 2005, cria-se a Lei nº 11.129 que institui o Programa Nacional de Inclusão do Jovem - ProJovem. Para além desse programa o MEC propõe a reestruturação e expansão do Ensino Médio.

³ Ver: Arns (1978); Gatti (1981); Meksenas (1992); Brandão, Baeta, Rocha (1985).

⁴ Entende-se por evasão o aluno que está matriculado numa escola e no ano seguinte, independentemente da situação escolar no qual se encontra, não realiza a matrícula. Diferente do conceito de abandono escolar, situação do aluno que é matriculado e no decorrer do ano letivo, por algum motivo, deixa de frequentar a escola sem que haja um pedido formal de transferência. (KLEIN, 2008).

produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional permitindo ao sujeito compreender o mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e de sociedade.

A concepção traçada no documento base do PROEJA, fundamenta-se nos eixos norteadores das políticas de educação profissional atualmente vigentes: a) a expansão da oferta pública de educação; b) desenvolvimento de estratégias de financiamento público que permitam a obtenção de recursos para um atendimento de qualidade; c) a oferta de educação profissional dentro da concepção de formação integral do cidadão (Ensino Médio Integrado a Educação Profissional Técnica de Nível Médio), combinando, na sua prática e nos seus fundamentos científico-tecnológicos e histórico-sociais, trabalho, ciência e cultura, d) e o papel estratégico da educação profissional nas políticas de integração social.

Embora o preceito do documento base do Programa seja também o preceito constitucional segundo o qual é direito da pessoa, além da oportunidade de acesso à escola, ter garantidas as condições de permanência, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento, seu preparo, para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, a evasão escolar têm aumentado⁵ nas salas deste, caracterizando uma situação de fracasso escolar⁶.

Percebe-se então, que a falta de compreensão da sua atividade afim e a procura fora do sistema escolar de justificativas para o fracasso (evasão) dos estudantes faz com que se perpetuem nas instituições escolares discursos sob o olhar do fatalismo biológico, muito presente na maioria das pesquisas geradas num enfoque psicopedagógico, ou do olhar do fatalismo social. Assim, procura-se refletir nesse texto sobre o contraste entre a

⁵ Em abril de 2013, o Tribunal de Contas da União realizou uma auditoria na rede federal de educação profissionalizante, científica e tecnológica que apontou que os índices de evasão atingiram 24% do total de alunos matriculados nos cursos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja), além de 19% nos cursos médios subsequentes.

O Ministério da Educação criou um grupo de trabalho para entender as causas e propor soluções para a evasão escolar em cursos técnicos. Segundo portaria publicada na edição do "Diário Oficial da União", assinada pelo secretário de Educação Profissional e Tecnológica do MEC, Marco Antonio de Oliveira.

⁶Para Charlot o fracasso escolar não existe. O que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Assim, esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado fracasso escolar. (2000, p.16).

segunda teoria, presente na sociologia da reprodução, teorizada por Pierre Bourdieu e o surgimento de um novo prisma de análise, que desponta no horizonte da pesquisa educacional apresentada pela teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot.

Pierre Bourdieu e o Capital Cultural

Pierre Bourdieu nasceu na França em 1930 e faleceu no ano de 2002 no mesmo país, considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX seus trabalhos são referência na interpretação sociológica da educação, em oposição à concepção funcionalista, em que a escola tinha papel central na democratização da sociedade. Formulou uma teoria para a questão das desigualdades escolares a partir dos anos 1960, colocando a escola como uma instituição que reproduz e legitima a dominação exercida pelas classes sociais dominantes.

Nas décadas de 1960 até meados da década de 1980, a forma como se pensou a escola foi muito influenciada pela Sociologia da Reprodução e ainda hoje permanecem as explicações das dificuldades escolares dos estudantes pela referência à família e ao meio social destes. A teoria do capital cultural e do habitus surge como uma hipótese para explicar a desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais. Para Bourdieu, a sociedade é constituída por um conjunto de campos de lutas, onde cada um tenta preservar e melhorar a sua posição, usando para isso os recursos que procedem de sua posição social. No campo cultural, especialmente na escola, prevalece o capital cultural, caracterizando-se por ser um conjunto de conhecimentos e relações estabelecidas com a cultura e a linguagem. Assim, quem tiver mais capital cultural pode desenvolver estratégias mais eficazes para melhorar a sua posição escolar. Sua sociologia da educação se caracteriza, pela diminuição do peso do fator econômico, em comparação ao peso do fator cultural, na explicação das desigualdades escolares. "o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família" (BOURDIEU, 1998, p.74). O capital cultural cria então no indivíduo uma predisposição a uma atitude mais dócil e de reconhecimento frente às práticas educativas (SETTON, 2002), pois é constituído por um conjunto de

estratégias, valores e disposições proporcionados, sobretudo pela família e pela escola, além de outros agentes socializadores⁷.

Inerentes aos reflexos da cultura escolar e do habitus, o capital cultural relaciona-se com a cultura que é internalizada pelo sujeito sob três formas: a primeira, no estado incorporado, por meio de crenças, valores, hábitos, condutas, o domínio maior ou menor da língua culta, as informações sobre o mundo escolar. A acumulação desta forma de capital cultural demanda que sua incorporação seja feita mediante um trabalho de inculcação e assimilação, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta são trazidos de casa (herança familiar). Funciona como uma ponte entre o mundo da família e da escola; constitui-se como componente do contexto familiar que atua de forma marcante na definição do futuro escolar dos descendentes. A segunda, no estado objetivado, onde o capital cultural incorpora-se a apropriação de bens culturais, tais como livros, obras de arte, etc. E a terceira, o estado institucionalizado, materializando-se por meio dos diplomas, títulos e certificados escolares⁸.

Para compreender a importância do conceito de capital cultural em Bourdieu é importante entender a teoria de Habitus, que surge da necessidade empírica de aprender sobre as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais, Setton, (2002, p.63) esclarece que esta é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como matriz de percepções, de apreciações e de ações e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas.

O conceito de Habitus, então, não é algo estático ou eterno, ele possui uma perspectiva histórica, diacrônica, contemplando uma perspectiva de movimento, é

⁷ O capital social é definido como um conjunto de relações sociais (amizades, laços de parentesco, contatos profissionais), o capital simbólico é definido como prestígios decorrentes da participação em círculos sociais dominantes.

⁸ O autor, afirma que as desigualdades de desempenho escolar podem estar atreladas ao nível de capital cultural, o qual se diversifica entre as classes sociais, sendo transmitido pelo meio familiar, refletindo a classe social à qual a família pertence. O capital cultural não está relacionado apenas ao nível socioeconômico, mas também aos capitais social e simbólico.

produto da história, produz práticas, individuais e coletivas e surge como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Também é capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades, devendo ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas do contexto familiar e social o estimulam.

Para conhecer o Habitus, é preciso analisar as condições sociais que o construíram, compreender por que o indivíduo age de determinada forma; saber quais são suas ideias, gostos, expectativas. Portanto, as posições sociais são reproduzidas de uma geração para a seguinte. O que acontece na escola depende fundamentalmente do capital cultural e do habitus dos estudantes. Ou seja, quem tem as disposições psíquicas e o capital cultural requerido pela escola se torna um aluno bem-sucedido, quem não tem fracassa e/ou evade. A sociologia de Bourdieu é legítima nos limites que se fixa, pois tem como objeto as posições sociais e os agentes⁹ sociais, e o pensamento desta versa sobre o contexto de atividade pensada e desenvolvida nas lutas sociais, nas funções sociais da escola e pelo processo de reprodução social através desta. Mas, não permite pensar a experiência escolar, a atividade do professor e do estudante na sala de aula.

Bernard Charlot e a Relação com o Saber

Bernard Charlot nasceu na França em 1944, é pesquisador e escritor da educação e possui um vasto currículo nesta área. A temática da relação com o saber ganhou visibilidade na década de 1980, na França, com a constituição de duas equipes de pesquisa: o Centre de Recherches Education et formation (CREF) e o grupo Education Socialization et Collectivités Locales (ESCOL), do qual foi um dos fundadores. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e é membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade (EDUCON). No cenário educacional brasileiro teve a primeira aparição por meio do livro A mistificação

⁹ Quem age é agente das estruturas sociais, uma vez que elas reproduzem por mediação do seu habitus; não é um ator que, por sua atuação, iria contrariar a ordem social das coisas. In: Da relação com o saber às práticas educativas. Charlot, 2013, p.136.

Pedagógica, que se tornou um clássico para a sociologia da educação. A temática da relação com o saber aborda questões que auxiliam na compreensão do fenômeno educativo dentro do horizonte sociocultural e individual.

Na elaboração da teoria da relação com o saber, algumas teses são decisivas,

1. O ser humano nasce inacabado e, portanto, aprender é uma atividade central da espécie humana. Em outra palavra, a cria do homem nasce como possibilidade e vai se tornando ser humano concreto por meio da educação. 2. A humanidade não é uma essência individual, é o conjunto do que foi criado pela espécie humana no decorrer da sua história. A educação é construção de si graças à apropriação desse patrimônio humano. Portanto, é um triplo processo: humanização (ingresso na espécie), socialização (ingresso numa cultura) e singularização (construção do eu); 3. A relação com o saber é sempre, também, uma relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Portanto, sempre tem uma dimensão identitária e não apenas epistêmica; 4. Há várias formas de aprender (figuras do aprender), já que o resultado desse ato pode ser um enunciado ou um traço inscrito no corpo e/ou nas formas de subjetividade e intersubjetividade; 5. Aprendem-se na escola coisas que não podem ser aprendidas em outros lugares (não se deve menosprezar a escola), mas aprendem-se, também, coisas valiosas fora da escola (a escola não pode ser arrogante); 6. A transformação da escola passa por superar o desafio de criar as condições para que os alunos, incluídos os das classes populares, cuja lógica de percepção do mundo não é a mesma lógica da escola, construam uma relação com o saber escolar de forma a se mobilizarem para aprender. (CHARLOT, 2013, p.21)

Nessa perspectiva, fundamenta-se a sua teoria da relação com o saber, convidando a comunidade educativa a compreender a realidade dos estudantes e buscar caminhos que produzam uma leitura positiva¹⁰ da realidade social, procurando explicar a realidade pelo que os estudantes são e não pelo que eles não são. Entendendo o que está acontecendo, o que vivência o estudante em situação de fracasso, qual é a sua lógica e quais suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Por isso é preciso considerar, segundo Charlot, que a história escolar é, ao mesmo tempo, um história social e uma história singular (individual) e não há oposição entre o lado social e o lado singular,

¹⁰ A leitura positiva opõe-se a leitura negativa da realidade social, que explica seus limites em termos de carência. E uma explicação em termos do que falta consiste em conferir uma causalidade ao não ser. "Como uma falta (um não ser) pode ser a causa de alguma coisa (um ser)? Não tem nenhum sentido do ponto de vista epistemológico. Deve-se explicar o que aconteceu e não o que faltou" (CHARLOT, 2003, p.167).

"[...] por isso se deve entender a história escolar de uma pessoa, ao mesmo tempo, numa perspectiva sociológica, como uma história social, e numa perspectiva psicológica, como uma história singular" (2003, p.173).

A partir dessa compreensão Charlot (2013), reforça seu pensamento epistêmico na concepção de mobilização do sujeito para a aprendizagem (em direção ao saber) sendo a sociedade não apenas um conjunto de posições, mas também um conjunto de atividades, um conjunto de práticas e também tempo, assim essa compreensão permite pensar que não devemos somente analisar as situações escolares pela teoria do Capital Cultural, mas entender como essas situações de fracasso escolar acontecem e quais foram os processos que contribuíram para construir e estruturar essa história escolar do estudante, enquanto membro de um grupo social e, também, enquanto sujeito singular dessa história.

A mobilização tem a ver com uma atitude interna do sujeito, assentada em expectativas próprias e em desejos, e acontece na relação que o estudante estabelece com o saber, e essa relação perpassa a análise das atividades realizadas no contexto escolar, especialmente o discurso explícito¹¹ que acontece no espaço escolar e não somente o discurso implícito conforme apontava Bourdieu, pois o discurso explícito produz efeitos de mobilização, e é este efeito de atividade¹² que o aluno realiza no espaço escolar.

¹¹ Desvelar os valores implícitos da atividade escolar permanece a abordagem dominante. Mas muitos pesquisadores que investigam a desigualdade social descartam essa questão, pois principalmente em estudos de gênero os valores explícitos ocasionam êxito escolar, comprovando que qualquer um pode ter sucesso na escola, desde que estude.

Quando Bourdieu presta atenção à atividade escolar, ele destaca os implícitos dessa atividade, em detrimento do seu desenrolar. Sustenta a ideia de que os verdadeiros critérios de avaliação da atividade do aluno são na sua maior parte implícitos. Ou seja, quem já construiu a relação na sua família com a cultura e linguagem que a escola requer pode conseguir o sucesso escolar, quem não conseguir fracassa. Nessa perspectiva o trabalho sociológico de Bourdieu não visa analisar o desenrolar da própria atividade, mas desvelar os seus implícitos.

¹² Charlot (2013, p.144), utiliza da referência de Leontiev para conceituar atividade sendo esta uma série de ações e operações com um motivo e um objetivo. Por que faço isso? - motivo. Para que o faço? - objetivo. Como atingir esse objetivo? Realizando ações, que requerem operações. A atividade tem uma eficácia e um sentido. O sentido da atividade depende da relação entre motivo e objetivo. Quando ambos coincidem, é mesmo uma atividade; senão, é apenas uma ação.

prestar atenção à mobilização dos alunos leva a interrogar-se sobre o motor interno do estudo, ou seja, sobre o que faz com que eles invistam no estudo. Motiva-se alguém de fora, mobiliza-se a si mesmo de dentro. [...] encontra-se a questão do sentido por outro caminho, diretamente ligado à experiência docente. Ninguém aprende sem desenvolver uma atividade intelectual; ou seja: quem não estuda, não aprende. Logo, vem a questão do motivo desse investimento na atividade. Qual o sentido dessa atividade para o aluno? Quando não existe nenhum sentido, não há atividade alguma: ninguém faz algo sem nenhum motivo. Mas a situação mais frequente na escola é aquela em que o aluno age por um motivo não relacionado com o próprio saber. (CHARLOT, 2013, p, 145).

Assim, o significado e o sentido tem grande importância na vida escolar do estudante.¹³ Quando o estudante explora a relação com o saber, ele amplia essa noção para uma relação com o aprender, permeada de significado e sentido. O saber é uma forma de representação de uma atividade, de relações do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com outros. Então, “não há saber que não esteja inscrito em relações de saber” (CHARLOT, 2000, p. 63). Compreendendo desta maneira, a educação deveria ter como objeto os processos pelos quais levam o sujeito a adotar uma postura em relação com o saber, e não apenas a acumulação de conteúdos intelectuais. Charlot apresenta três dimensões da relação com o saber: a epistêmica, a social e a de identidade, estas permitem compreender as relações com o saber estabelecidas pelo estudante.

Primeiro, o pressuposto da relação epistêmica com o saber parte de que o aprender não significa a mesma coisa para os estudantes e entender essa relação é compreender a natureza da atividade que se denomina aprender. Ou seja, para esse sujeito aprender pode ser adquirir um saber ou cumprir as exigências institucionais como estudante na escola. Segundo, a relação com o saber é social, pois exprime as condições sociais do indivíduo e as relações sociais que estruturam a sociedade na qual esse indivíduo está inserido. No entanto, Charlot (2000, p. 62) enfatiza que “[...] as relações sociais estruturam a relação com o saber e com a escola, mas não a determinam”. O fato de um sujeito estabelecer uma relação com o saber que corresponda com sua identidade social não quer dizer que há uma relação causal entre elas, pois a relação com o saber também é singular do sujeito. Terceiro, a relação com o saber é de identidade, todo

¹³ O autor aborda a importância do significado e do sentido fazendo relação destes com a posição social objetiva e a posição social subjetiva. Ver (2003, p.166).

processo de aprender constitui uma construção de si mesmo, a construção da identidade do sujeito.

Por isso a relação com o saber envolve também o ato de prestar atenção ao sentido e à sua eficácia, e sobre a especificidade da atividade escolar, que deve desenvolver no estudante os processos de distanciamento, objetivação e sistematização,

“a distanciamento possibilita ao aluno sair do mundo subjetivo das emoções, dos sentimentos, da experiência vivenciada e pôr o mundo como objeto a ser pensado. Distanciamento e objetivação são indissociáveis e ocorrem em um só processo: o Eu constitui-se em um Eu epistêmico, distinto do Eu empírico, no processo pelo qual ele coloca o mundo como objeto de pensamento. Esse processo de distanciamento-objetivação só é possível graças à linguagem; somente pela linguagem podem existir objetos de pensamento e um sujeito racional para pensá-los. Se na escola impera a linguagem, é porque esta possibilita construir objetos de pensamentos diferentes dos objetos de vivência, o que é a especificidade da escola. A sistematização é um processo complementar da distanciamento-objetivação. É possível constituir objetos de pensamento sem ligá-los em sistema, mas este sempre é o horizonte do pensamento, visto que um conceito é definido pelo conjunto de relações que ele mantém com outros conceitos e não por uma ligação direta com um referente.” (CHARLOT. 2000, p.149-150).

Existe uma especificidade da atividade escolar, que requer determinadas relações com o mundo, com os outros, e essa atividade escolar específica não é um arbitrário cultural, ou um simples reflexo das normas das classes dominantes, como aparece na teoria do Capital Cultural. Ela tem um valor de formação, um valor antropológico, por ser uma forma específica e muito elaborada de se relacionar com o mundo. Compreendendo a atividade escolar, com seu valor de formação, entende-se que há também outras formas de aprender, outras formas de se relacionar com os outros, consigo mesmo e com o mundo e essas relações perpassam na compreensão da relação escola e trabalho.

Considerações Finais

A complexidade do tema abordado instiga a buscar reflexões mais profundas, do que a desencadeada por esse ensaio, pois, percebe-se que o olhar sobre a situação de fracasso escolar, na sua maioria, reporta-se à evasão e repetência indistintamente como

fatores de fracasso. Assim, a análise da evasão perde a especificidade necessária à sua plena compreensão, especialmente para identificação de suas causas no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade educação de jovens e adultos.

Também se aponta importante a elucidação do papel desempenhado pela escola na reprodução de desigualdades sociais na teoria da reprodução de Bourdieu, mas esta se mostra insuficiente para compreender a evasão no PROEJA, pois seu limite inicia quando se fixa unilateralmente neste aspecto, descaracterizando (e desacreditando) totalmente outras forças e funções presentes no sistema escolar, pois como afirma Charlot, a sociedade é também, um conjunto de atividades e de práticas e a educação deve canalizar essas atividades na vertente do sujeito. Assim, se levássemos a teoria de Bourdieu como única premissa teríamos respondido o problema da evasão no Programa, alegando ser o capital cultural e o Habitus dos estudantes o fator de evasão. Mas, é importante não tomar somente esse olhar para responder essa questão que é ampla.

Compreende-se que a relação que se estabelece na escola, em sala de aula não perpassa somente os valores implícitos desta, mas também os explícitos, e estes podem ocasionar êxito, comprovando que qualquer estudante pode ter sucesso na escola. Mas, para isso é necessário parar de explicar o fracasso escolar em termos de carência, ou seja, por falas ainda presentes como "ele não tem", "ele não é", "a família dele não tinha", "a família dele não é", pois não se pode explicar algo a partir do que não existe. Por isso, a necessidade de praticar uma leitura positiva no processo educativo, pois esta exige uma postura epistemológica e metodológica, onde se trata de perguntarmos o que está ocorrendo com o estudante? Qual a atividade implementada por este? Qual o sentido esta para ele? Qual o tipo de relação mantida com outros? A leitura positiva atrelada a compreensão epistêmica, social e de identidade possibilita compreender a situação do sujeito que fracassa em um aprendizado, ou seja, quando o estudante tem dificuldades na escolarização, pode-se explicar isso a partir do que ocorreu com ele, do que ele fez. Para compreendermos o porquê dos estudantes não saberem, por que não construíram competências, ou por que evadiram/evadem deve-se compreender e procurar explicar o que aconteceu/acontece no processo de engajamento do sujeito com a relação do saber,

pois esta pressupõe sentido e prazer, sem estes não ocorre a mobilização, o esforço, o envolvimento em nenhuma atividade.

Aceitando que o sucesso escolar está na mobilização para com o saber por parte do estudante pode-se concluir que uma das causas da evasão no PROEJA não ocorre somente pelo estudante não encontrar sentido na escola, mas das atividades não estarem fazendo sentido no processo educativo, pois quando o estudante não atribui nenhum significado, não faz as ações e operações com motivo e objetivo, ele não aprende, e aprender requer também uma atividade intelectual.

Referências

ARNS, O. *A comunicação linguística paranaense: evasão e retenção escolar no 1º grau*. Curitiba: UFPR; INEP, 1978.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, M.A; CATANI, A. (Org.). *Escritos de Educação*. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. P. 71-80.

BRANDÃO, Z; BAETA, A; ROCHA, A. *A escola em questão: evasão e repetência no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1985.

BRASIL, Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. *Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja*. Brasília, DF.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber às práticas educativas*. 1ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. *uma relação com o saber*. *Revista Espaço Pedagógico*, v.10, n.2, Passo Fundo, p.159-178 - jul/dez/2003.

GATTI, B.A. A reprovação no 1ª série do 1º grau: um estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.38, p.3-13, ago.1981.

KLEIN, R. *Seminário: A crise de audiência no ensino médio. A falta de participação dos jovens no ensino médio*. Instituto Unibanco. São Paulo, 2008.

MEKSENAS, P. *Sociologia da Educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, J.M da S. A Evasão escolar no Ensino Médio: um estudo de caso. *Revista Profissão Docente*, Uberaba, v.9, n.19, 2009.

SETTON, M da G.J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, nº20, p.60-70, maio/ago., 2002.